



Fotos Michele Perusso

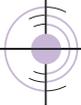
A praça do núcleo
Sacadura Cabral, depois
da reurbanização

Quando a favela vira bairro

O projeto Santo André Mais Igual combate a exclusão garantindo moradia decente, renda e direitos sociais aos moradores de favelas

Em Santo André, no ABC paulista, 132 mil dos 648 mil habitantes vivem em favelas. Isso significa que o exército de excluídos da cidade abriga em suas fileiras um em cada cinco cidadãos. A prefeitura desenvolveu um projeto, o Santo André Mais Igual, com uma abordagem ampla de combate à exclusão social, sem

resumir o problema à questão da moradia. “As pessoas são vítimas da exclusão por não ter emprego, por morar em favelas, porque não puderam estudar, por não ter acesso à saúde”, afirma Carlos Miaciro, coordenador do projeto. “Entender que a exclusão social tem várias dimensões é fundamental para combatê-la.” Iniciado em 1998,



A antiga favela Sacadura Cabral agora tem áreas de lazer

o Santo André Mais Igual já foi implantado em diversas favelas e beneficia 20% da população carente do município. Os recursos vêm do orçamento da prefeitura e de investimentos da Comissão Européia, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e do Programa de Gestão Urbana da ONU, entre outros organismos.

No processo de urbanização de um dos núcleos, o Sacadura Cabral, a área de favela de 35.400 metros quadrados foi dividida em 12 quadras, urbanizadas uma a uma. A moradora Terezinha Bento de Lima, de 52 anos, lembra o estranhamento da população, em 1998, quando se começou a falar da intervenção. “Os vizinhos diziam que ia vir um povo com trator para derrubar todos os barracos”, recorda. “Eu não sabia se ficava ou se corria. Fui ficando e nunca vi trator nenhum. Na verdade, a gente, junto com eles, tirava os barracos para fazer as casas.”

Apoio psicológico – Ao mesmo tempo em que o processo de urbanização começava, uma parceria com a Caixa Econômica Federal viabilizava os empréstimos para a construção das novas moradias. A análise do

cadastro dos moradores do núcleo Sacadura Cabral, feito pela prefeitura, mostrou que 17% das famílias não tinham nenhuma fonte de sustento. A solução foi recorrer ao Programa Renda Mínima, uma das ferramentas do Santo André Mais Igual. O Renda Mínima de Santo André impõe exigências incomuns aos beneficiados. Cada chefe de família precisa participar de reuniões quinzenais com assistentes sociais e psicólogos. “Assim, podemos trabalhar a auto-estima e incentivar a requalificação profissional”, explica Miaciuro. “Esse acompanhamento é tão importante quanto o dinheiro que complementa a renda da família.”



As obras de urbanização já começaram na favela do Espírito Santo

Terezinha, a moradora do Sacadura Cabral que no início temia os tratores, não entrou no Renda Mínima porque trabalha, há quatro anos, na Cooperativa de Coleta Cidade Limpa, também criada pelo programa Santo André Mais Igual. “Agora é melhor, porque sei que vou receber R\$ 250 no fim do mês”, conta. A urbanização trouxe novas atividades – e empregos – à antiga favela. “Hoje, a gente tem o Centro de Negócios e Serviços, tem lotérica, banco”, comenta o ex-metalúrgico e funcionário público Darzinho Carlos de Oliveira, de 56 anos. “O pessoal sempre quis ter um banco aqui. Agora tem.”

Livraria na favela – O Centro de Negócios reúne uma livraria, agência do Banco do Brasil e lojas dos próprios moradores do núcleo. “No Sacadura Cabral, hoje os jovens podem ir até o Centro de Negócios comprar livros”, explica Rosana Denaldi, secretária de Inclusão Social e Habitação, órgão criado para coordenar o Santo André Mais Igual. “Assim, aos poucos, as antigas favelas vão se integrando à cidade. São incluídas na vida e nos negócios da cidade.”

A iniciativa de conjugar programas de diferentes secretarias, adaptando-os às necessidades específicas de cada núcleo, exige empenho e criatividade da prefeitura. Mas, segundo

Miaciro, é só com esse esforço conjunto que a comunidade percebe a dimensão do projeto e se integra a ele. É importante, nesse ponto de vista, que os cidadãos vejam tudo acontecer ao mesmo tempo: os agentes de saúde visitando as casas, as frentes de trabalho da prefeitura mudando a paisagem e gerando empregos. “São ações que, somadas, conduzem para a inclusão social”, diz.

Na favela do Espírito Santo, erguida sobre um antigo lixão onde hoje vivem quase 1.500 famílias, os trabalhos tiveram início no segundo semestre de 2002. Vários estudos – entre eles um laudo do Instituto de Pesquisas Tecnológicas da USP – mostraram que algumas áreas são totalmente impróprias para moradia e precisam ser desocupadas. As 500 famílias abrigadas nesses locais serão encaminhadas para conjuntos habitacionais que estão sendo construídos em bairros próximos. “Para essas áreas sem moradia foi pensando um projeto com praças e quadras”, diz Amadeu Pereira do Lago, assessor de relações sindicais do Santo André Mais Igual. “Assim, a comunidade ganha lazer e diminuímos os riscos de uma nova invasão.”

Em todos os programas, as ações da prefeitura são discutidas e negociadas com a comunidade. Enquanto o núcleo Espírito Santo não ganha um centro comunitário para sediar suas reuniões, o bar de Pedro Severino Santana, de 47 anos, é ponto de referência para os debates da população. Marrom, como Pedro é conhecido, mora na favela há 11 anos. Na parte baixa do núcleo Espírito Santo, onde

foram iniciadas as obras, a rede de esgoto e água já está sendo concluída. No extremo oposto, no alto do morro, alguns homens asfaltam o espaço onde ficará estacionado o “ônibus da saúde”, como Ilélia Nunes, de 44 anos, moradora do local desde 1994, chama a unidade móvel de saúde com entrega prevista para o mês de junho. “Graças a Deus que o ônibus com médico veio, porque a população é muito carente de médico”, comemora Ilélia. Mãe de uma menina de 7 anos, ela reivindica: “Por que não levam o asfalto lá pra dentro, na favela? Aí, as crianças não iam mais pra escola meladas de barro nos dias que chove”.

Os prêmios recebidos pelo projeto Santo André Mais Igual são outros bons indicadores de seu sucesso. Em 2000, a Fundação Getúlio Vargas e a Fundação Ford concederam ao município o Prêmio Gestão Pública e Cidadania. Em 2001, o Santo André Mais Igual foi considerado uma das 16 experiências escolhidas para ser

relatada na Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos – Istambul + 5. No mesmo ano, recebeu o prêmio Melhores Práticas em Gestão Local, da Caixa Econômica Federal. Em 2002, um dos projetos que fazem parte do Santo André Mais Igual, o Gênero e Cidadania, foi eleito uma das dez melhores iniciativas do mundo, recebendo o Prêmio Internacional de Dubai de Melhores Práticas do Centro das Nações Unidas para Assentamentos Humanos – Habitat. O coordenador Carlos Miaciro evita o ufanismo. “Estamos recebendo prêmios por fazer o óbvio”, diz.

Luciana Scuarcialupi, de Santo André



A “prefeita”

A líder comunitária **Ilda Pereira de Carvalho Silva**, de 67 anos, acorda cedo duas vezes por semana e vai para o Centro Comunitário receber o caminhão do leite. Toda segunda e toda quinta-feira ela comanda a distribuição de leite, de um programa do governo estadual, a 150 mães do núcleo Sacadura Cabral. Não é por acaso que os vizinhos a chamam de “prefeita”. Dona Ilda está tão envolvida nos problemas de Sacadura Cabral que poderia escrever um livro sobre a favela. Antes da implantação do programa, quase metade das casas era inundada na época das chuvas. A de Ilda estava entre elas. “Quando a água começava a entrar em casa, as coisas já estavam no alto”, recorda. “Junto com a água vinham uns ratões.” No dia 28 de outubro de 2003, foi inaugurado o Centro de Negócios e Serviços Sacadura Cabral. “Passei tanto nervoso naquele dia”, lembra dona Ilda. “Tinha que chover? Veio autoridade de todo canto, imagina se Sacadura inundasse?” Mas o aterro de 2 metros de altura funcionou. “Hoje eu até esqueci que existia enchente no Sacadura.”

